

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v20i35.1038>

**DE CAMPONESES MIGRANTES A TRABALHADORES URBANOS:** sobrevivência e condições de vida de trabalhadores migrantes em Teresina (1970)<sup>1</sup>

**FROM MIGRANT PEASANTS TO URBAN WORKERS:** survival and living conditions of migrant workers in Teresina (1970)

**DE CAMPESINOS MIGRANTES A TRABAJADORES URBANOS:** supervivencia y condiciones de vida de los trabajadores migrantes en Teresina (1970)

LIA MONNIELLI FEITOSA COSTA

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7703-3749>

Doutoranda em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC)  
Professora da rede pública estadual do Piauí (SEDUC-PI)/Bolsista FAPEPI  
Teresina/Piauí/Brasil  
[monnielli23@gmail.com](mailto:monnielli23@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho, que compõe parte do texto dissertativo a respeito da vinda de migrantes cearenses para o Piauí dos anos de 1940 a 1970, objetiva analisar uma etapa do processo migratório de alguns narradores migrantes cujas trajetórias culminaram com o deslocamento definitivo para a cidade de Teresina capital piauiense, após experiências de sobrevivência em outros municípios também pertencente ao EntreRios. Acompanhamos, dessa forma, por meio da temporalidade comum de saídas, travessias e fixações em novos espaços, o deslocamento que marca profundamente a vida dos sujeitos, posto que a obtenção dos meios de vida muda radicalmente. Além da oralidade que destacamos como abordagem metodológica necessária para entender as múltiplas experiências desses sujeitos e suas respectivas subjetividades, dialogamos com fontes oficiais e jornais da época. A leitura atenta da historiografia piauiense comungada com a reflexão sobre a economia moral proposta por E.P.Thompson (1998) configuram a constituição deste estudo.

**Palavras -chave:** Trabalhadores. Sobrevivência. Urbano.

**Abstract:** The present work, which is part of a dissertation text about the coming of Ceará migrants to Piauí from the years 1940 to 1970, aims to analyze a stage of the migratory process of some migrant narrators whose trajectories culminated in their definitive displacement to the city of Teresina, capital city of Piauí, after their survival experiences in other municipalities also belonging to EntreRios. Thus, we follow through the common temporality of departures, passages, and fixations in new spaces, the displacement that profoundly marks the lives of subjects, since there are radical changes in how they obtain their means of survival. In addition to the orality that we highlight as a necessary methodological approach to understand the multiple experiences of these subjects and their respective subjectivities, we dialogued with official sources and newspapers of the time. A careful reading of the historiography of Piauí combined with the reflection on the moral economy proposed by E. P. Thompson (1998) configure the constitution of this study.

**Keywords:** Workers. Survival. Urban.

**Resumen:** El presente trabajo, que forma parte del texto de disertación sobre la llegada de los migrantes cearenses a Piauí entre las décadas de 1940 y 1970, tiene como objetivo analizar una etapa del proceso migratorio de algunos narradores migrantes cuyas trayectorias culminaron en el desplazamiento definitivo hacia la ciudad de Teresina, capital de Piauí, luego de experiencias de supervivencia en otros municipios también pertenecientes a EntreRíos. De esta manera, seguimos a

---

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em julho de 2022 e aprovado para publicação em dezembro de 2022.

través de la temporalidad común de salidas, cruces y fijaciones en nuevos espacios, el desplazamiento que marca profundamente la vida de estos sujetos, pues la obtención del medio de vida cambia radicalmente. Además de la oralidad que se destaca como un enfoque metodológico, necesario para comprender las múltiples experiencias de estos sujetos y sus respectivas subjetividades, se dialoga con fuentes oficiales y periódicos de la época. Una lectura atenta sobre la historiografía de Piauí combinada con la reflexión sobre la economía moral propuesta por E.P.Thompson (1998) configuran la constitución de este estudio.

**Palabras clave:** Trabajadores. Supervivencia. Urbano.

O presente trabalho, que compõe parte do texto dissertativo a respeito da vinda de migrantes cearenses para o Piauí dos anos de 1940 a 1970, objetiva analisar uma etapa do processo migratório de alguns narradores migrantes cujas trajetórias culminaram com o deslocamento definitivo para a cidade de Teresina, capital piauiense. Acompanhamos dessa forma, por meio da temporalidade comum de saídas, travessias e fixações em novos espaços, o deslocamento que marca profundamente a vida dos sujeitos, posto que a obtenção dos meios de vida muda radicalmente.

Durante as décadas de 40,50 e 60, os fluxos migratórios desses sujeitos rumo ao Piauí (re)formulam os seus projetos e sonhos, fazendo com que novas migrações ocorressem no interior do Estado, em particular nas décadas seguintes, quando estes traçam aquela que parece ser a última travessia dentro do EntreRios<sup>2</sup>, dessa vez rumo à Teresina. Essa nova mudança é fundamental para perceber, nas marcas de memória, a confirmação de outras redes de solidariedade, construídas em meio urbano e nos costumes gerados nos meios de vida, que foram subtraídos no campo; a vida nas cidades desvela continuidades, mas também rupturas, os subúrbios que acentuam a subalternidade do sujeito que, de campesino, passa à condição de trabalhador pobre urbano.

As famílias aos poucos vão migrando de forma desagregada para a cidade. Membros, que foram na frente, instalaram-se e atraíram os que haviam ficado para trás, construindo as redes de solidariedades tão necessárias para a vivência na capital. As possibilidades de trabalho enquanto mão de obra barata e subempregada direcionam esses migrantes para os espaços que ajudaram a construir, as periferias, resultantes do deslocamento

---

<sup>2</sup> Recorte espacial proposto pelo Planap (Plano de Ação para o Desenvolvimento Integrado da Bacia do Parnaíba) O Planap está sintetizado em 16 volumes com todas as informações referentes ao estudo realizado durante o ano de 2005. Os territórios em análise são o da Planície Litorânea, dos Cocais, dos Carnaubais, EntreRios; do vale do Sambito, do rio Guaribas, do rio Canindé, dos rios Piauí e Itaueiras; da Serra da Capivara; Tabuleiros do Alto Parnaíba e Chapada das Mangabeiras. O Território EntreRios subdivide-se em outros 4 aglomerados, onde o Aglomerado nº 7 engloba os municípios de Miguel Alves, União, José de Freitas, Teresina, Altos, Coivaras e Alto Longá. PLANO DE AÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DA BACIA DO PARNAÍBA (PLANAP). Síntese executiva: território entre rios, Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba – Codevasf. Brasília, DF: TDA Desenhos & Arte Ltda., 2006.

de pessoas pobres aos centros importantes da cidade ou de onde eram obstáculo para a ampliação de obras de infraestrutura.

Nessas moradias, os trabalhadores não abandonaram de vez o trabalho rural, uma vez que conseguiram ainda viver de roça durante certo tempo, mas em uma relação de agregação já descaracterizada comparando com a vivida nos municípios anteriores. Paulatinamente, houve um redimensionamento da pobreza; de camponeses pobres passaram a pobres urbanos, em um processo que não finda a luta pela sobrevivência no meio urbano.

As falas desses homens e mulheres desnudam as resistências cotidianas próprias da vivência no meio suburbano; a busca por outros ofícios e o emprego com registros, a luta pelos meios de vida no comércio ambulante, a lida doméstica; uma combinação de forças da unidade familiar que caracterizam a economia moral bem expressa na linguagem oral, que se apresenta “[...] com a força do corpo, expressa nos sons que vem e vão. No corpo que fala e que escuta. Para esses personagens, a voz, gestos, histórias, contos, ganham sentido na linguagem oral, e é principalmente com ela que a **vida vai sendo enfrentada**” (RIOS, s/d, p. 4, grifo da autora).

Os narradores e suas famílias, que se deslocaram para Teresina, trouxeram não apenas experiências das vivências anteriores em outros municípios do EntreRios, mas também anseios que, aos poucos, foram surgindo e tomando corpo ao sabor das necessidades. Para além disso, está o desejo por alguns de recomeçar, de dar novos rumos e propiciar destinos diversos aos filhos, que não seriam possíveis mais praticando roçados. Aquelas crianças que saíram do Ceará, mesmo as que já nasceram em solo piauiense, projetam expectativas distintas, as quais se desdobram quando o horizonte de cidade desponta como um veio aberto de oportunidades para que a família se enraíze tal qual a solidez das casas de alvenaria, eliminando a incerteza de morar e plantar em propriedades alheias. Mas será mesmo que todas as expectativas foram alcançadas ao se chegar à capital? Que desafios esses narradores encontraram ao se deparar com uma cidade em sua plenitude de mais um processo de modernização, embelezador, sanitarista e excludente?

O cenário que se desdobrava na capital ainda estava longe do futurismo e da velocidade das grandes cidades, mas matizada de elementos que mesclavam modernidade e pobreza, a outra face das belas paisagens e edifícios descrita no trecho de crônica abaixo:

É isso mesmo [...] – Teresina acontecendo [...] um velho pobre pedindo-, leite sendo pasteurizado-, criança tomando mingau de farinha-, uma faculdade formando médicos-, uma doença mais grave despontando-, uma nova força de luz elétrica-, o sol sempre brilhando mais-, aparece um canto novo no clube-, e o choro do pobre aumenta-, é Teresina acontecendo-, um

cursinho a mais na cidade-, um universitário a menos na vida-, um jato rasgando o espaço-, número de viajantes terrestres aumentando-, nova biblioteca pública-, uma universidade feita na teoria-, um produto na vitrine-, um camelo na calçada-, é o feito sendo mostrado na praça-, é a demagogia tomando pé-, mais um cabaré no caos-, pinta uma nova boate-, o parque custando muito-, o indigente morrendo ligeiro-, é o artista por burro-, é o burro por artista-, é Teresina acontecendo [...]<sup>3</sup>.

A linguagem utilizada nos passa a ideia de *flashes* de um olhar em movimento para o que se vê lá fora. A construção inteligente de antíteses entre os eventos evidencia que o acontecer na cidade – celebrado pelo movimento em contraste à inércia que para a época é sinônimo do rural – carrega em si problemas sociais, os quais não podem ser ignorados, porque tudo compunha o cenário ao mesmo tempo, sendo justamente elementos que possibilitam que esse movimento ocorra. A modernidade se desfiava em Teresina, trazendo consigo a fome, a doença, a miséria, o mendigo, o sofrimento do pobre, elementos recorrentes no cotidiano da cidade.

Centelhados por um discurso pós-64, os governos piauienses de meados de 60 e década de 70 se destacaram por pôr em prática a ideia de um Piauí Novo, urbanizado, modernizado, cujos reflexos pudessem ser percebidos na capital, seguindo a esteira de desenvolvimento das demais capitais brasileiras. Essas mudanças, que visavam o melhoramento de infraestrutura e embelezamento urbanístico, chocavam-se, entretanto, com questões sociais, uma vez que o aumento do fluxo migratório de pessoas para Teresina ocasionou um processo de *suburbanização*, e com ele a necessidade de ampliação de saneamento básico, instalação de luz elétrica, ampliação da malha viária, entre outros aspectos. De acordo com Regianny Lima Monte, o crescimento da malha urbana esteve condicionado a essas migrações, pois a expansão urbana de Teresina até 1950

Seguiu os limites topográficos, como os rios Poti e Parnaíba, este impedindo a expansão em direção oeste por também delinear a divisão geopolítica entre o Piauí e o Maranhão, estando a cidade maranhense de Timon sob área de influência na demanda de serviços oferecidas na capital piauiense. A partir da década de 1960, a cidade passou a experimentar um crescimento espacial intenso, proporcionado, principalmente, pela pressão exercida com a chegada de um grande contingente de migrantes que permaneceu, durante as décadas de 1970 e 1980, direcionando o crescimento da capital (MONTE, 2010, p. 98).

Os nossos narradores migrantes alteraram, dessa forma, a sua configuração social, à medida que as sociabilidades, a nova realidade do trabalho e os desafios do viver na cidade

---

<sup>3</sup> TERESINA acontecendo. Jornal. *O Estado*, Teresina, n. 3, fev. 1972. p. 2. Local de Guarda: Arquivo Público “Casa Anísio Brito”.

reformulam as suas condições de camponeses para a condição de pobres urbanos, em que, mesmo mantendo práticas e costumes de trabalho próprios do campo, a espacialidade urbana, com seus códigos e regras somados às expectativas desses trabalhadores ao se deslocarem novamente, vão lhes conduzir a maneiras de viver distintas, a dificuldades e obstáculos que exigiram novos rearranjos para a família – o primeiro deles, morar nas periferias.

### Periferia e expectativas

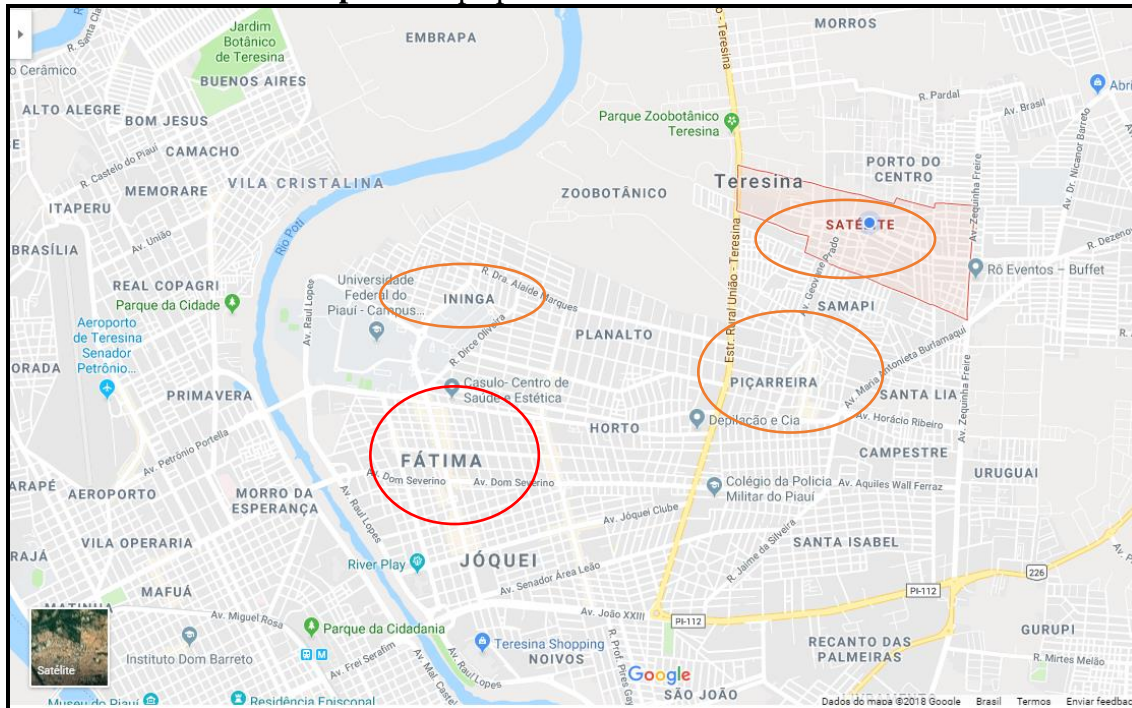
Na capital, esses migrantes junto a outras pessoas de baixa renda iam se aglomerando nos espaços periféricos das cidades, ou se viam realocadas em outros lugares distantes do centro ou que estivessem no caminho da ampliação da malha viária, ou de outros grandes empreendimentos. Agindo de maneira excludente, a política modernizadora na capital reflete a definição de subúrbio proposta por José de Sousa Martins, que observou seu emprego desde o século XVIII para:

[...] designar os confins da cidade de São Paulo ou a zona rural que lhe era imediatamente próxima. Ela já indica uma concepção da unidade da cidade e seu contorno. Foi a categoria de *morador* que definiu o sujeito dessa espacialidade e o núcleo do modo de pensar a cidade e seus arredores. Era o *poder* e seus agentes, os homens bons, os limpos de sangue e sem mácula do ofício mecânico, e a hierarquia estamental de seus privilégios que definiam o modo de ver e conceber a cidade e sua gente e nela o lugar de cada um. A cidade o era a partir da ideia de que nela se encontravam os que decidiam e mandavam (MARTINS, 1992, p. 7).

O autor se refere ao caso de São Paulo, mas que se aplica a quaisquer outros centros ou metrópoles. No nosso caso, o lugar de poder referente aos (MARTINS, 1992, p. 7) “[...] que decidiam e mandavam” era por excelência o centro de Teresina, mas aos poucos o perímetro urbano foi redefinido de acordo com os anseios das elites. A ocupação e a urbanização da zona leste da capital também se inserem nesse contexto, cenário para onde os nossos narradores foram morar. Enquanto que (MARTINS, 1992, p. 7) “[...] a mácula do ofício mecânico” se desfiava em diversos ofícios entre os pobres urbanos, configurando-os como uma massa de subempregados e desempregados, classes mais abastadas voltaram atenção para os terrenos além do Rio Poti, que até a década de 1960 eram usados apenas para chácaras e lazer no fim de semana, havendo também alguns casebres construídos de forma irregular. A ampliação da malha viária naquele sentido ocorre através da abertura da Av. João XXIII, e da Av. John Kennedy, que ligam Teresina aos municípios do EntreRios bem como da Av. Nossa Senhora de Fátima, prolongada em 1974, onde conjuntos habitacionais para pessoas de alto

poder aquisitivo foram construídos. Novas vias de trânsito também trouxeram outras possibilidades de ocupação para os mais pobres, que diante da especulação imobiliária daquelas novas áreas, foram deslocando-se paulatinamente para a periferia. Daí se originaram bairros como o Ininga, o Satélite, Piçarreira, conforme destacados no mapa abaixo. Nestes dois últimos, os narradores construíram os seus lares.

**Mapa 1:** Mapa parcial da Zona Leste de Teresina



Fonte: Google Maps (2018)<sup>4</sup>.

Na imagem acima evidenciamos a proximidade dos bairros nobres do rio Poti, onde o clima é mais ameno, e a distribuição espacial periférica dos demais bairros para a população de baixo poder aquisitivo no entorno da estrada rural União-Piauí, uma das rotas de passagem para alguns migrantes, somada à BR-343 e outras rotas possibilitaram o deslocamento de pessoas para a capital por motivações variadas.

Seu Cosme<sup>5</sup>, o mais “ousado” dos gêmeos, decidiu que a vida em União já não estava mais correspondendo ao que ele queria. Os motivos que o levaram a se deslocar mais uma vez vieram da insatisfação, quando começou a perceber que a cidade de União não poderia oferecer serviços maiores para alguém que estava determinado a viver de algo além do pagamento de renda nas roças. “Os anos 60 encontraram o Piauí com uma população de

<sup>4</sup> ZONA Leste de Teresina. *GoogleMaps*. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-5.0632965,-42.7740246,14z?hl=pt-BR&authuser=0> Acesso em: 20 ago. 2018.

<sup>5</sup> Cosme Feitosa da Silva e Damião Feitosa da Silva.

1.240.200 habitantes, com 76,59% ainda morando na zona rural, o que demonstra que a estrutura produtiva do Estado muito pouco havia mudado desde o início do século” (TAJARA *apud* SANTANA, 1995, p. 47). Sem uma diversificação de estrutura produtiva, havia também uma oferta restrita de serviços, bem como a sua diversificação. Assim era a vida dos irmãos em União. A experiência de trabalhador de Seu Cosme o permite se chamar de operário. Já casado e com filhos, assim como o seu irmão Damião, empregou-se como pedreiro. O trabalho de construção civil, segundo ele, era “mínimo”. Dali, começou a trabalhar em Teresina e selou o destino de uma nova migração:

Lia: Por que o senhor veio primeiro?

Seu Cosme: Eu vim primeiro porque eu arrumei serviço, vim trabalhar, passei 2 anos morando na União e trabalhando aqui e não me sentia muito bem porque era ida e volta, agora, aí trouxe a família e depois que, graças a Deus, as coisas começaram a melhorar.

Lia: O senhor veio em que ano morar aqui de vez?

Seu Cosme: Em 1974. É daí pra cá eu não acho nada ruim aqui não, não sei se é porque não me lembro mais se passei alguma coisa ruim aqui, não me lembro. (risos) Eu não acho nada ruim aqui não<sup>6</sup>.

A migração pendular de Seu Cosme estava sujeitando-o ao pouco convívio com a família. Esse tempo em que se empregou em Teresina caracterizou-se como um período intenso de construções civis, como abertura de vias urbanas, pavimentação, construção de conjuntos habitacionais. É nesse ínterim que ele passa de pedreiro a “encarregado de serviço” ou mestre de obra. A última chance para ele estava em Teresina. Ele rememora com exatidão o tempo que perdurou para tomar a decisão de deslocar-se novamente: “No dia que completou 5 anos e um dia nós viemos embora. Porque eu achei que lá não dá mais”<sup>7</sup>, demarcando com exatidão o tempo em que viveu em União.

Quando Seu Cosme se chama de operário, lembramos do que sinaliza Thomson (1997): o processo de recordar para o sujeito é importante, porque diz respeito à maneira como ele se enxerga no mundo e deseja ser visto. A sua rememoração em Miguel Alves se faz curta e acelerada no intuito de agradecer a Deus: “[...] eu vim para melhorar e hoje me considero um homem feliz depois que tô aqui em Teresina”<sup>8</sup>. Entendemos que o seu ápice como trabalhador se inicia com esta experiência primeira na capital, quando ainda morava em União. Ao se ver como operário, ele mudou a sua perspectiva em relação ao tempo, ao

<sup>6</sup> SILVA, Cosme Feitosa da. *Entrevista* [jan. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 18 jan. 2018.

<sup>7</sup> SILVA, Cosme Feitosa da. *Entrevista* [jan. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 18 jan. 2018.

<sup>8</sup> SILVA, Cosme Feitosa da. *Entrevista* [jan. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 18 jan. 2018.

trabalho e, sobretudo, em relação às suas expectativas. O tempo industrial aos poucos toma lugar no tempo da natureza, e duas temporalidades ganham espaço definido – o tempo do trabalho e o tempo do lazer, que também é o tempo do descanso. Refletindo sobre os caminhos que se abriam com a chegada das indústrias nas cidades, Martins observa:

O operário, diferente do caipira e do escravo, não era um agente natural da ordem. Ao contrário, trazia consigo o novo germe das mudanças históricas. Em princípio, anunciava uma nova modalidade de relacionamento social, a do contrato, e um novo modo de acumulação da riqueza, o lucro baseado na produção fabril. Não mais o tributo da renda fundiária e o lucro especulativo do comércio. Eram potencialmente novos os fundamentos da vida social (MARTINS, 1992, p. 8).

As potencialidades próprias dessa relação de trabalho estabelece uma ideia sectária em detrimento do trabalho rural. O trabalhador sai de uma relação de trabalho pré-capitalista – na qual a família enquanto unidade produtiva descaracteriza a lógica de mercado, com uma remuneração não assalariada – e passa a uma relação capitalista em que o lucro provém unicamente de seu trabalho, e o domínio dos meios de produção é ainda mais limitado. O trabalhador vende a força de trabalho em troca de um salário diário, semanal ou mensal, o necessário ou não para sua sobrevivência. Essa mudança é crucial para entender a fala de Seu Cosme, a partir do momento em que se emprega na construção civil passa a se chamar assim. O “ser operário” também é sua maior motivação para se deslocar para a capital. Isso seria o seu instrumento para garantir uma vida melhor para si e para a família.

Em 01 de janeiro de 1977, Seu Damião deixa União rumo à Teresina definitivamente seguindo o seu irmão Cosme. A vida em União teve uma sensível melhora; a compra da casa que, segundo Seu Damião, não fora comprada: “comprei não, me deram, por 110 mil reis... ô meu Deus, nesse tempo as coisas eram baratas, mas era mesmo que ser caro hoje, porque o dinheiro era mais difícil que tirar leite de onça”<sup>9</sup>. A renda era o suficiente para obter uma moradia, ainda que fosse uma construção de taipa e de cobertura de palha. Outro entrave era a localização dos terrenos, distantes das casas, bem como o próprio rendimento do solo, que segundo Seu Damião, “não prestava”. A dificuldade de se manter vivendo de roças e pagando rendas integrou Seu Damião no universo do comércio ambulante. Ganhando dinheiro, ou mesmo por meio de escambo, ele viveu “[...] trambicando com negócios, comprando e revendendo... Levava rede, calçado, roupa feita, vendia no interior a troco de cereais”<sup>10</sup>, conforme já visto. Aos poucos, ele foi tomando gosto e alcançando um discreto

---

<sup>9</sup> SILVA, Damião Feitosa da. *Entrevista* [ago. 2016]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 14 ago. 2016.

<sup>10</sup> SILVA, Damião Feitosa da. *Entrevista* [ago. 2016]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 14 ago. 2016.



prestígio, que lhe permitiu arrumar crédito em algumas lojas diversas. Mas a ida de seu irmão Cosme para a capital diminuiu o que já era minguado, e sem a parentela mais próxima para lhe dar suporte, também se deslocou para Teresina, a fim de morar no mesmo bairro que seu irmão gêmeo.

Um aspecto unia os dois irmãos como motivo para uma nova migração: a educação dos filhos. De acordo com Seu Cosme, essa preocupação foi herdada do pai:

Lia: E instrução, o senhor aprendeu a ler e escrever aonde?

Cosme: Não tô dizendo que foi no início, foi com 45 dias de... 45 dias de aulas pagas particular que o papai pagou pra nós, que eu tinha 8 anos de idade...

Lia: Onde? Lá no Ceará?

Cosme: Lá no Ceará, em Nova Russas, município de Nova Russas...

Lia: Quem deu essas aulas? Quem era essa pessoa?

Cosme: Era um professor, já existia o professor particular, pra casa, pago pelos pais, pra ensinar 4,5 filhos da gente ou mais, ou 10 ou 20 se quiser. Pra vir pro colégio, agora, o pai da gente pagava a parte dele e os outros alunos que aparecessem era do professor o dinheiro, já era diferente<sup>11</sup>.

O objetivo era muito claro: aprender a ler e a escrever nesse tempo restrito, submetendo-se a certa rigidez. Assim Damião conta que, mesmo sendo canhoto, teve de aprender forçosamente a partir dos oito anos a ser destro, o que lamentou muito, mas lhe rendeu a proeza de ser ambidestro. Isso nos revela dois aspectos importantes: a instrução pública em Nova Russas era precária, ou mesmo inexistente, induzindo a práticas de alfabetização rudimentares como as que vivenciaram Seu Cosme e Seu Damião; a educação dos filhos ocupou um papel de destaque nas motivações que os guiaram nas migrações desde Miguel Alves até Teresina.

A situação educacional em União, por exemplo, ainda era tateante. O número de escolas isoladas em relação ao grupo de escolhas reunidas era bem mais expressivo. Somente no ano de 1966, registraram-se sete grupos escolares reunidos e 36 escolas isoladas, somando setores estadual, municipal e particular, de acordo com dados da Comissão de Desenvolvimento Econômico (Codese)<sup>12</sup>. Essas escolas isoladas espalhadas pelo perímetro do município foram responsáveis por levar o letramento para as muitas comunidades e interiores distantes.

<sup>11</sup> SILVA, Cosme Feitosa da. *Entrevista* [jan. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 18 jan. 2018.

<sup>12</sup> CODESE- Número de Unidades Escolares, professores e matrículas por setores. Município de União anos 1964/1965/1966. CODESE (Comissão de Desenvolvimento Econômico). *Estatísticas Básicas*: União, 1968. Em bom estado e disponível na biblioteca de apoio do Arquivo Público “Casa Anísio Brito”.

Damião ressaltou a importância de morar no perímetro urbano de União porque “os meninos já estudavam”; a cidade poderia oferecer uma instrução pública razoável. Seu Cosme ressaltou que “[...] tudo quanto eu ganhei, foi construído, pra ajeitar os filhos pra ir pro colégio, se não aprenderam porque não quiseram ou porque não deu”<sup>13</sup>. O “não deu” acaba de certa forma condicionando a entrada dos filhos nos empregos e subempregos da cidade, seguindo geralmente os ofícios dos pais. Ao virem para Teresina na perspectiva de melhores trabalhos, alguns dos filhos homens de Seu Cosme e Seu Damião se tornaram pedreiros, induzindo-os a deixarem os estudos incompletos.

Outro narrador que migrou para a capital já insatisfeito com a situação em Altos foi Seu Manoel. Após os desentendimentos com outro funcionário como já visto, ele decide vir embora, não sem antes um colóquio com o proprietário, que discordava da sua ida:

Lia: Lá em Altos quando o senhor falou assim que estava fraco a roça, mesmo trabalhando de roça e sendo vaqueiro, por que não deu certo lá?

Seu Manoel: Eu faço que nem o menino sou cearense e tenho o sangue de Altos, mas o Altos é fraco. Você tá trabalhando, faz uma roça mostra, aí bota tudo dentro de casa, aí quando dá no fim dos negócios você precisa vender os legumes, vender o milho o feijão, o arroz, a mandioca, pra sobreviver por outras coisas, às vezes, que as doença hoje é em seguida, a gente pensa que a pessoa está boa com pouco está doente, aí precisou a gente vender tudo isso pra poder viver, aí o negócio estava ficando fraco mesmo, aí eu digo “rapaz”, aí ele disse: “Compadre você vai é matar seus filhos” e eu digo: “não vou matar ninguém”. “Em Teresina ninguém dá uma esmola pra ninguém”, eu digo “dá, compadre eu sou acostumado em Teresina, e vender leite e vender tudo lá”<sup>14</sup>.

Para chegar aos motivos que levaram Seu Manoel a ir embora para Teresina, é preciso entender, nessa fala, a mistura de duas temporalidades. Primeiramente, ele fala de Altos, seu “oásis”, que tempos depois se revelou insuficiente, “fraco”, os negócios não iam bem e o impeliam a vender os produtos que cultivava mais rapidamente, deixando o lavrador em uma situação de vulnerabilidade, expondo-o a riscos sérios de decadência diante de circunstâncias imprevisíveis como as doenças. Ao retomar a fala de um dos proprietários para quem trabalhou, Seu Manoel revela que aquela conversa teve um caráter exortativo, não no sentido de algo que ainda iria acontecer, mas que já estava acontecendo; afinal, Seu Manoel perdera o medo e o receio da cidade através de andanças e vendas.

A mudança de percepção operou nele por meio da instrução escolar das filhas, que se iniciou no município de Demerval Lobão, portanto, já no seu terceiro deslocamento,

<sup>13</sup> SILVA, Cosme Feitosa da. *Entrevista* [jan. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 18 jan. 2018.

<sup>14</sup> ASSIS, Francisco Manoel de. *Entrevista* [mar. 2017]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 4 mar. 2017.

referente à fala do proprietário descrita na passagem acima. Em virtude de uma vida mais bem proporcionada pelo ofício de vaqueiro, acabou lidando com algumas dificuldades e trabalhando para dois proprietários. Após sair da fazenda do primeiro proprietário, entregando todos os compromissos plausíveis com a criação: “[...] compadre eu vou sair da propriedade, aí vou deixar seus bichos tudo com a barriga cheia e água pra beber até 3 dias se for possível”<sup>15</sup>, Seu Manoel foi abordado 15 dias depois pelo mesmo, que pedia sua volta para o ofício. Ele respondeu:

Nam, aqui eu tô bem compadre, vou voltar não. As meninas pularam logo bem acolá: ‘não, nós não vamos voltar não que nós vamos morrer de trabalhar e mesmo nós estamos estudando aqui, e é pertinho, é mais perto’. E eu digo “nam, eu não vou voltar não<sup>1</sup> Mesmo que vocês queiram eu não vou”<sup>16</sup>.

A narrativa contém um elemento de aproximação entre Seu Manoel e o primeiro fazendeiro. O uso do termo “Compadre” estreita relações ao mesmo tempo em que aprofunda laços de subordinações entre lavradores e fazendeiros. Entretanto, o caráter exploratório sinalizava intensificação, uma vez que, com as filhas já crescidas, tornar-se-iam mãos de obra somadas ao pai no trabalho do roçado, ou em afazeres domésticos. A expressão “morrer de trabalhar” aponta que ficar naquela primeira fazenda não possibilitaria nenhum outro futuro possível além de ajudar o pai a pagar rendas. As desavenças com o outro funcionário que conduzia práticas erradas dentro do campo de negociações, considerando os costumes vigentes em relação à criação de animais, também fez com que Seu Manoel não voltasse. Depois, a instrução das filhas seria mais uma vez instrumento de mudança. Na fala abaixo, Seu Manoel narra os “abusos de camaradagem” cometidos pelo primeiro patrão naquele município:

Quando eu dava fé ele chegava bêbado lá em casa, passava 2, 3 dias lá com o carro encostado, a gente dando de comer à ele, e mandando comprar cachaça e bebendo lá debaixo dos pés de manga, era assim como um irmão, como um pai, uma coisa ele era bom demais pra mim. Bom, bom mesmo...mas a gente se enrolava, quando a gente dava fé ficava até cismado, com raiva... aí foi indo até que ele esqueceu. Foi o momento em que as meninas começaram a trabalhar e estudar foi obrigado eu vim embora pra cá<sup>17</sup>.

<sup>15</sup> ASSIS, Francisco Manoel de. *Entrevista* [mar. 2017]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 4 mar. 2017.

<sup>16</sup> ASSIS, Francisco Manoel de. *Entrevista* [jan. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 13 jan. 2018.

<sup>17</sup> ASSIS, Francisco Manoel de. *Entrevista* [mar. 2017]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 4 mar. 2017.

Mesmo diante dos laços estreitos (“irmão, pai”) e das socializações em casa, havia limites para Seu Manoel não apenas como lavrador, mas também como anfitrião. O custo de manutenção desse discurso público era manter a condescendência para com aquele patrão, mas a raiva e a “cisma” indicam que a família nessa prática percebia fissuras em sua dignidade, ao mesmo tempo em que a inserção das filhas no mercado de trabalho possibilitou a sua decisão final. Ele se mudou para Teresina em 1976.

A agregação da família também foi um motivo recorrente de deslocamentos para a capital. Esse é o caso de Dona Ana, cuja migração foi condicionada por casamento e reencontro de tios. Já casada e com filhos, mudou-se para Teresina na década de 70 e, somente quando se viu sem os filhos por perto, seu pai decidiu vir também. Ao abordar esse motivo, assim diz: “Ele ia viver lá de que? Por que ele criava uma neta, a neta precisava estudar, nós já tinha casado, cada qual tinha o seu lugar, aí ele veio e durou 12 anos aqui, quando ela minha mãe faleceu, já tava com 2 anos aqui”<sup>18</sup>.

Essa fala evidencia mais uma vez que a coesão da parentela condicionava o sucesso ou não da migração. Nesse caso, a solidão não era a melhor escolha para os pais, em virtude de doenças, precisando de acompanhamentos médicos.

Seu Isídio se desgostou disso após o episódio de mutilação das vacas. Mesmo com o rearranjo feito pelo patrão, ele tinha medo do futuro que lhe reservava não só naquela fazenda, mas nas demais propriedades onde fosse trabalhar em José de Freitas, conforme a sua fala atesta: “[...] eu me desgostei por causa disso, porque, você sabe, eu já tinha entrado numa boca perigos né, aí eu era capaz de entrar em outra... aí eu me desgostei, você sabe, eu vou-me embora para Teresina”<sup>19</sup>.

O medo de retaliação é produto de um discurso oculto, que se exteriorizou por meio de ação tornando aquele jogo das aparências, próprio do discurso público, frágil. Nesse discurso público no qual nossos narradores estavam familiarizados, valores como a dignidade e a autonomia são considerados dispensáveis para os dominados.

Nesse esboço cartográfico, desde memórias, Dona Antônia é a única que faz o caminho de volta para Teresina. Um irmão casado com uma teresinense resolve vir morar na capital e, mais tarde, Dona Antônia casada e mãe de dois filhos, saiu de Crateús e se instalou no bairro Primavera, zona sul da cidade, por volta de 1958.

---

<sup>18</sup> LIMA, Ana Gomes de Azevedo. *Entrevista* [jan. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 25 jan. 2018.

<sup>19</sup> FARIAS, Isídio Pereira. *Entrevista* [jan. 2016]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 27 jan. 2016.

Após dois anos, a família se deslocou novamente para Crateús. O motivo da volta para o Ceará é elucidado na declaração a seguir de Raimundo da Silva Vieira<sup>20</sup>, 50 anos, filho de Dona Antônia, que gentilmente nos auxiliou na rememoração de lembranças:

Raimundo: Meu pai trabalhava no dia a dia de pedreiro, com o trabalho e os dois filhos pra criar, e eu cheguei também já, pra completar os três [nós somos 6 filhos], aí já não teve mais como dar conta e conseguir trabalho, aí voltou pro Ceará de novo.

Lia: E lá no Ceará ainda tinha família?

Raimundo: tinha meu avô ainda estava lá ainda... meu avô vivia de roça e de gado<sup>21</sup>.

Nem todos alcançam a prosperidade almejada quando chegam à capital. Em virtude do aumento da prole, e na iminência de acentuar a condição de pobreza, a família volta para o Ceará com vistas a reestruturar seus projetos de vida, até migrarem novamente em 1964, para o interior do município de Altos, numa localidade chamada Lagoa dos Martins, onde permaneceram vivendo de roça. O pai de Dona Antônia, em virtude da venda de suas terras em Crateús, comprou terras no município piauiense e por lá continuou vivendo e construindo bases para a parentela. Dona Antônia relembra a reação de seu pai sobre morar na capital:

Ele nunca gostou. Ele num se acostumou não, chegou não achou bom. Ficou reclamando que o filho tirou lá da terra dele, do terreninho dele e veio pra cá, ele não gostou... Mas já estava aqui e num tinha jeito de voltar porque já tinha vendido o terreno lá, já tinha comprado esse, aí tem que se acostumar mesmo<sup>22</sup>.

Essa fala evidencia que os motivos para a família de Dona Antônia ter saído de Crateús não foram seca ou desentendimentos, mas sim a união da família que estava se distanciando em função da migração dos filhos. Mesmo a família não sendo uma unidade produtiva coesa, mas a ideia de uma unidade familiar que produz para os seus permanece, como atesta a própria fala de dona Antônia: “[...] quem sabe onde está a família quer ficar tudo ali perto né, ninguém quer ficar plantando sozinho”<sup>23</sup>.

---

<sup>20</sup> A presença de Raimundo Vieira durante nossa entrevista foi algo imprevisto, mas se revelou necessário, pois além de fazer apenas dois anos que a mãe mora com ele, também auxiliou no processo de rememoração antes da nossa chegada. Dessa forma foi fundamental para a construção desta entrevista seu papel de mediador-narrador, que ocupa um lugar central de aproximar entrevistador e entrevistado, reduzindo diferenças e traçando pontes de compreensão.

<sup>21</sup> SOUSA, Antônia Portela de. *Entrevista* [fev. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 14 fev. 2018.

<sup>22</sup> SOUSA, Antônia Portela de. *Entrevista* [fev. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 14 fev. 2018.

<sup>23</sup> SOUSA, Antônia Portela de. *Entrevista* [fev. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 14 fev. 2018.

Dona Antônia gostava muito dos trabalhos de costura, realizando-se neles. Mesmo após a migração para Crateús e de volta para o Piauí, instalando-se em Altos, ela não deixou de costurar, comprando uma máquina de costura e fazendo mais serviços. Fazendo remendos, consertos e roupas, ela costurava também a sua própria teia de vida, o que lhe assegurou tanto a sobrevivência quanto sociabilidades fecundas, que fizeram ela e o marido ficar em Altos por vários anos, até a separação conjugal e o filho trazê-la de vez para Teresina, já um pouco debilitada.

Dessa forma, os narradores se acomodaram com as suas famílias nos seguintes bairros periféricos da cidade: Satélite, onde moram até hoje os irmãos Cosme e Damião, Dona Ana Azevedo e Seu Francisco Manoel; e Piçarreira, lugar em que mora Seu Isídio. Que estratégias e táticas esses narradores desenvolveram na experiência de viver na capital? Como seus ofícios revelam as bricolagens do fazer e criar tão necessárias na condição de pobreza em que se inseriram, a de pobres urbanos?

### **Viver na cidade: “profissão de operário” e outras sociabilidades**

A instalação desses narradores migrantes no perímetro da cidade foi condicionada pelo delineamento do setor urbano onde residiam as classes média e alta teresinenses. A ocupação de casebres antecede à instituição do bairro, mas as práticas sociais que o constituíram já se faziam experiência de organização. Dessa forma, produtos de uma geografia excludente da cidade, eles se formaram e guardaram no nome a gênese do que representavam. Piçarreira é um bairro cujo nome tem origem na exploração mineral, no caso fabricação de piçarra. Satélite passou a ser assim chamado após sua criação por Jofre do Rego Castelo Branco, prefeito de Teresina, em 1966, em uma referência às cidades satélites de Brasília. Os dois bairros se caracterizam pela significativa quantidade de morros bem elevados, o que não impossibilitou a ocupação humana. A história desses bairros aqui é contada pela experiência de vida de cada narrador, para que possamos entender, por meio de suas percepções, o viver e o vivido na condição de pobres urbanos. Não podemos entendê-la como um todo, posto que o vínculo entre o trabalhador e a cidade induz a certa alienação em que ele conhece pouco o espaço produzido a partir do seu trabalho. Partilhamos do que é proposto por Martins:

Por isso, é necessário pressupor que a história *do* subúrbio é diversa da História *no* subúrbio. A reconstituição daquela se dá por meio dos

fragmentos desta, pois no subúrbio a História é fragmentária, incompleta e se manifesta ocasionalmente (MARTINS, 1992, p. 11).

Esses fragmentos de narrativa nos ajudaram a entender o espaço que os narradores escolheram para (re)constituir as suas vidas. Assim também ao se debruçar sobre o cotidiano, o historiador pode entrever práticas de sobrevivência que resguardam algo da economia moral que caracterizou o trabalho no campo e é trazida para a cidade, enraizando-se em espaços para os quais confluem outros trabalhadores da mesma cultura, adaptando-se conforme as necessidades desse complexo viver na cidade.

E como se caracterizou esse “viver na cidade” naqueles anos 70 para as classes baixas de Teresina? De que viviam e como viviam essas pessoas? Seguindo a tradição familiar já bem conhecida entre os seus, Seu Cosme veio “na frente” para a capital, se instalando com a família no Bairro Satélite. Os terrenos pertenciam à Universidade Federal do Piauí, à Prefeitura ou a particulares, conforme evidenciou Seu Damião: “O doutor Geovani Prado doou pro Pedro Mendes Ribeiro, que era candidato a vereador que doou esse terreno todinho, abriu mão pro povo marcar”. As negociações para demarcar os lotes correspondentes às casas já funcionavam como instrumentos de conchavos políticos. Seu Damião também conta sobre a relutância de seu irmão em manter as casas perto umas das outras, uma vez que era expressiva a chegada de famílias buscando terrenos e agilizando medições, “[...] aí disse irmão dele não ia ficar por cima da terra não, ou ele ficava em terreno encostado a ele ou então umas 6 a 8 casas era pra ele, aí eu vim ficar aqui, que pra trás tudo já tinha dono”<sup>24</sup> A mudança do campo para a cidade não desfaz a necessidade e a urgência em manter a família reunida, pois na condição de pobreza na qual se (re)configuravam as sociabilidades familiares que fortaleciam os laços de solidariedade vicinal, tão caros para a sobrevivência suburbana.

Vieram “gentes” de outros municípios do EntreRios. Damião fala sobre seus vizinhos que “[...] tudo era gente conhecido, do município de Campo Maior, José de Freitas, de todo lugar aqui tem gente de Altos [...] até de Porto Marruás tem gente aqui, de todo lugar veio gente, da União veio demais, gente pobre de lá, o povo veio tudinho pra cá”<sup>25</sup>. As experiências de nossos narradores se assemelhavam de alguma forma com a vida dessas famílias pobres que se deslocaram para a capital em busca do bem viver, embora condicionados pela situação de pobreza. As instalações eram precárias, casebres com paredes de pau a pique cobertas de palha. A paisagem no geral “[...] era só mato, ribanceira, barroca,

---

<sup>24</sup> SILVA, Damião Feitosa da. *Entrevista* [dez. 2017]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 28 dez. 2017.

<sup>25</sup> SILVA, Damião Feitosa da. *Entrevista* [dez. 2017]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 28 dez. 2017.

era uma vareada, não tinha rua, não tinha nada”<sup>26</sup>. O “nada” ao qual Damião se refere pode ser traduzido pela oferta rarefeita de serviços básicos para a população destes bairros. Sistemas como transporte, abastecimento de água, hospitais, entre outros, eram precários, agravando-se mais em se tratando do saneamento básico, onde 55,7% da população não possuía nenhum equipamento sanitário (MONTE, 2010, p. 68).

Se as situações nas periferias eram demasiado ruins, a classe baixa que aí morava ainda tinha parca representatividade no cenário social. Segundo Antônio José Medeiros,

Até 1979, existiam em Teresina, apenas 11 Associações de Moradores, 7 as quais ligadas ao trabalho assistencial-eleitoral de um vereador da ARENA, 3 em conjuntos habitacionais, orientados por assistentes sociais da COHAB – Companhia de Habitação do Piauí e apenas uma numa favela, orientada pela Igreja (MEDEIROS *apud* SANTANA, 1995, p. 177).

A pouca mobilização no intuito de reivindicar melhorias para os bairros não decorre somente da inaptidão para escolher lideranças, mas também porque as experiências desses sujeitos campesinos neste espaço urbano é que geraram gradativamente expectativas e, por conseguinte, necessidades de legitimar suas condições e anseios enquanto classe. Dessa forma, elementos como a carteira de trabalho entram como instrumentos-chave para legitimar suas situações de trabalhadores urbanos, o que trouxe orgulho para uns, desgosto para outros. Verificamos que para alguns narradores trabalhar em ofícios urbanos não foram as primeiras opções, mas que, ao chegarem na capital, encontraram condições propícias para continuarem os trabalhos em roçados, em função de fatores diferenciados.

Assim nos contou Damião sobre o seu trabalho com o fazendeiro Elesbão, no qual trabalhou na limpeza do terreno, no cultivo e na criação de animais:

O Elesbão esse homem que morreu meu ex-patrão, ele era muito bom pra mim. Trabalhei com ele 90 dias e fiquei trabalhando como empregado aí ele me botou lá pra gerenciar o terreno, gerenciar os trabalhadores tudo, aí ficou bom pra mim. Nunca quando eu tive mais ele não soube o que foi precisão não<sup>27</sup>.

Seu Damião estabeleceu estreitos laços com esse patrão, que, a despeito de livrá-lo do pagamento de renda, encarregou-o de diversos serviços sem pagamento capital. Essa situação poderia soar favorável nas localidades de onde esses narradores migraram, mas a conjuntura nas cidades era diferente. Ainda que conseguisse produzir e levar consigo os frutos

---

<sup>26</sup> SILVA, Damião Feitosa da. *Entrevista* [dez. 2017]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 28 dez. 2017.

<sup>27</sup> SILVA, Damião Feitosa da. *Entrevista* [dez. 2017]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 28 dez. 2017.



do roçado (abóboras, melancias, jerimum), as relações de troca e venda de produtos nas cidades poderiam estar prejudicadas por distância ou indefinição de redes de solidariedades. No fio condutor da relação de trabalho expropriativa, o agricultor traz consigo os elementos da economia moral que o permitem reconstruir redes de relações patrão-empregado de matriz rural.

Situação semelhante sucedeu com Seu Manoel. Ao chegar em Teresina, paralelamente ao ofício de pedreiro, ele botou roçado no Povoado Ave Verde, situado na estrada rural que vai para União. O pagamento de renda, nesse caso, era uma carga de milho por ano. A venda dos legumes e verduras para ele não era o mais importante:

Lia: Mas o senhor chegava a vender? Trazia tudo pra casa?

Manoel: Vendia não, vendia não. Macaxeira, batata, quiabo, essas coisas que plantava na roça era pra despesa de casa. Chegava aqui um jacá dois a mulher dava pras vizinhanças, dava pra todo mundo. Eu não vendia não, era difícil eu vender um, raiz de macaxeira<sup>28</sup>.

A necessidade de garantir o abastecimento familiar na cidade se fazia mais urgente. Os gastos se multiplicaram, mesmo para um trabalhador pobre, havia outras preocupações para além da principal, a alimentação. Vestuário, calçados, gastos com condução. O fantasma da fome rondava as famílias e Manoel se preocupou em destinar os produtos apenas para casa. Em casa, a mulher era responsável por re(constituir) as redes de solidariedade com a vizinhança por meio de uma prática muito conhecida até hoje: a troca de alimentos. A partir de troca de produtos não só de roçados, mas também processados (leite, café, açúcar, fósforos, cigarros), as pessoas iam criando um laço de interdependência tão fundamental para compor um bairro. Essa rede vicinal é o que edifica a necessidade de organização e mobilização em associações de moradores para então reivindicar melhorias para o bairro.

Eram as mulheres também que se sacrificavam para garantir a alimentação de filhos e maridos; quando o número de gastos superava a receita, o que primeiro se reduzia era a alimentação (HAHNER, 1993, p. 12). A economia doméstica ministrada pelas mulheres era o verdadeiro fiel da balança entre pobreza e miséria. Donas de casa como Dona Ana e Dona Antônia racionalizavam a comida para que esta perdurasse até a vez que o dinheiro aparecesse para a compra de mais mantimentos. Elas entravam também no orçamento da casa por meio de serviços domésticos como costureiras, lavadeiras, babás. Sobre isso, Dona Antônia nos contou:

---

<sup>28</sup> ASSIS, Francisco Manoel de. *Entrevista* [mar. 2017]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 4 mar. 2017.

[...] Quando eu costurava, fazia crochê, fazia tapete, misturava tudo, aí eu num sei quantos tempos eu passei costurando, gostava de fazer crochê, pra viver a vida quem quer criar família faz é assim né, tem que trabalhar para ajudar. Num é só esperando pelo homem pra ponto não, tem que ajudar.<sup>29</sup>

Foram também essas as mulheres que estenderam redes de solidariedades não apenas por permuta de produtos, mas pelas visitas a vizinhos, rodas de orações, rezas a santos católicos. Benzedoiras eram muito procuradas para cura de males indecifráveis e desconhecidos, todo o sortilégio de “quebrantos”, além de visíveis; eram as médicas, a curandeiras e a conselheiras. Em bairros periféricos eram muito necessárias.

Mas nem tudo poderia ser resolvido pela capacidade das mães e esposas regularem a alimentação. A subnutrição era um risco, pois viver na cidade era estar constantemente exposto a uma série de doenças que se agravam mais quando o indivíduo vive em ambiente precário. Outras condições já deixavam o corpo frágil. O fumo, principalmente entre os homens e indiciado muito cedo, acarretava sérias doenças no trato respiratório e cardiovascular. Mais tarde, o vício cobraria o pesado soldo com sintomas agravantes, conforme nos contou Seu Manoel:

Eu fumava demais. Aí ele atacou meus pulmões, aí eu caí lá no serviço, depois tornei a cair de novo, depois a cair em casa mesmo lá dentro do cercado trabalhando, aí me puxaram pra casa digo “é tu que vai querer me matar? Se eu num morrer dessa vez tu num vai me ver te levar mais pra boca nunquinha”. Aí larguei tá com 26 anos que larguei de fumar, eu fico doidinho quando fumaça bate na minha venta.<sup>30</sup>

Mas não somente em virtude de carestias e doenças, as redes de solidariedade iam se fundamentando. A confluência de migrantes de municípios próximos, no território EntreRios, qualificou as relações, e a economia moral se restabeleceu adaptando-se às conjecturas do espaço urbano, com práticas e costumes fomentando em possibilidades que iam surgindo.

A continuidade de cultivos no perímetro urbano revelou uma realidade que se estendia para todo o Estado. Até 1950, a população do Piauí alcançava 1.045.696 habitantes, 83,7% vivendo na zona rural (MARTINS, 2002). A partir da segunda metade de 1970, alavancados pelo “milagre econômico brasileiro”, a integração nacional nutriu o sonho de um país moderno e industrializado; a população urbana superou a rural (MONTE, 2010, p. 116).

---

<sup>29</sup> SOUSA, Antônia Portela de. *Entrevista* [fev. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 14 fev. 2018.

<sup>30</sup> ASSIS, Francisco Manoel de. *Entrevista* [mar. 2017]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 4 mar. 2018.

No entanto, percebeu-se que o “milagre” operou mais para uns do que para outros, e as pessoas que eram pobres continuaram tão pobres quanto antes.

Os custos de viver na cidade não condiziam com as remunerações. A tabela abaixo evidencia gastos com a ração alimentar mínima em Teresina, baseado em dados do Departamento de Estatística da Fundação Cepro, para o período de dezembro de 1978.

**Tabela 1:** Custo da ração essencial mínima em Teresina Dez/ 1978

PRODUTOS	QUANT.	PREÇO MÉDIO	QUANTIDADE X PREÇO MÉDIO (Cr\$)
<b>Carne</b>	6,00 kg	60,00	360,00
<b>Leite</b>	7,50l	6,00	45,00
<b>Feijão</b>	4,50 kg	16,50	74,25
<b>Arroz</b>	3,00 kg	9,00	27,00
<b>Farinha de Mandioca</b>	1,50 kg	3,50	5,25
<b>Batata</b>	6,00 kg	8,00	48,00
<b>Tomate</b>	9,00 kg	12,00	108,00
<b>Pão</b>	6,00 kg	1,50	9,00
<b>Café (pó)</b>	6,00 kg	70,00	420,00
<b>Banana</b>	7,50 kg	12,00	90,00
<b>Açúcar</b>	3,00 kg	9,00	27,00
<b>Óleo</b>	1,00l	21,00	21,00
<b>Manteiga</b>	0,75 kg	62,00	46,50
<b>TOTAL</b>			<b>1.281,00</b>

Fonte: Departamento de Estatística da Fundação CEPRO *apud* Martins (2002, p. 268).

Esse total é apenas uma visão panorâmica do que constava na ração alimentar mínima de uma pessoa adulta, considerando-se variantes como hábitos alimentares. Para famílias numerosas como a dos nossos narradores, um salário mínimo na época com o valor de Cr\$1.111,20 não cobria os gastos com alimentação, fora os outros gastos para habitação,

vestuário, higiene, entre outros. Assim, o valor referente à alimentação “[...] supera o orçamento de 80% das famílias que ganhavam até cinco salários mínimos, demonstrando, pois, a condição extremamente precária em que vive parte substancial da população residente na zona urbana de Teresina” (MARTINS, 2002, p. 269).

O cultivo em roçados no perímetro urbano não foi a atividade principal exercida por esses trabalhadores, mas complementava a renda obtida por meio de outros ofícios. Os ofícios que mais empregavam a PEA (População Economicamente Ativa) do setor secundário eram os de pedreiro e de mestre de obras. Sobre isso:

A PEA do setor secundário, embora tenha apenas recuperado sua posição relativa, em 1970, depois de sofrer até redução em termos absolutos de 1940 para 50, passou por violenta redistribuição interna. A primeira grande mudança se deu na “explosão” da construção civil. De 1% da PEA total, em 1940, passou a 4,3% em 1970. Se se toma apenas a PEA do setor secundário, os trabalhadores da construção, no mesmo período, aumentaram de 14,6% para 55,6% (MARTINS, 2002, p.180).

Os números expressivos do subsetor de construção civil se deram pelo incremento de obras de infraestrutura, como ampliação da malha viária, construção de prédios, edifícios e conjuntos habitacionais. Os pais de família se empregavam e iniciavam os seus filhos no trabalho de construção, mas os salários não eram satisfatórios. Seu Cosme e Seu Manoel trabalharam na construção civil. Sobre isso, Seu Manoel comenta:

Manoel: Aqui quando eu cheguei o negócio estava fraco, comecei arrancando pedra.  
 Lia: Aonde?  
 Manoel: Aqui, nessas serras aqui.  
 Lia: Qual era empresa?  
 Manoel: Empresa? Não tinha empresa não, nós trabalhava por conta própria.  
 Lia: Quebrando Pedra?  
 Manoel: Arrancando Pedra e quebrando. pra calçamento, pra baldrame<sup>31</sup>.

A expansão do perímetro urbano elevava o número de calçamentos de pedra e, por conseguinte, o ofício se multiplicava. Havia hierarquias, e um dos postos mais desejados era o de mestre de obras, encarregado de supervisionar todos os passos da edificação. Era esse o ofício de Seu Cosme, que trabalhou nele durante 20 anos. Percebemos a diferenciação de status entre os artífices e demais empregados, pois, para esses serviços empregavam-se o termo “operário”, “profissão”, devido às experiências acumuladas. Trabalhar na construção civil, apesar do *boom* registrado nos anos 70, ainda estava instável, pois o *laissez-faire* ocorria

<sup>31</sup> ASSIS, Francisco Manoel de. *Entrevista* [mar. 2017]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 4 mar. 2018.

em virtude de outros fatores, como tempo ruim e falta de materiais diminuía o número de dias e trabalho.

Dessa forma, essas profissões iam se complementando com outras atividades, seja empreitando obras como autônomo, comércio ambulante ou plantações em zonas afastadas. Nessas narrativas, entrevemos as dimensões da pobreza nas experiências de trabalho, que, ao invés de limitar os movimentos e as ações dos trabalhadores, possibilitou espaço para as inventividades destes sujeitos. A necessidade de ter uma carteira de trabalho assinada era anseio distante para estes trabalhadores de construção civil. Para redirecionar essas expectativas, outras “maneiras de fazer” no espaço urbano surgiam, pois diante da concretude de um emprego com carteira, postava-se a astúcia dos ofícios irregulares, “os bicos”, com os quais os sujeitos deambulavam ampliando suas redes de solidariedade. Para entender melhor o uso de táticas, partilhamos do que é proposto por Michel de Certeau:

Chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza alei de uma força estranha. Não tem meios pra se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia Bullov, e no espaço por ele controlado (CERTEAU, 1998, p.100).

No espaço imposto aos sujeitos – a urbe – fomentavam-se outras possibilidades de ganhar dinheiro e sustentar a família que não relacionadas a empresas e firmas. Ao sair do interior do município de José de Freitas, Seu Isídio já havia aprendido a profissão de carpinteiro. Ao chegar em Teresina, tentou sem sucesso viver do ofício de carpintaria<sup>32</sup>, mas se desgostou porque “[...] a profissão que eu tinha não deu certo, trabalhei, trabalhei, deixei tudo perdido o que era meu, nunca assinaram carteira, nunca assinaram nada... eu trabalhei só avulso e descontaram o que era meu... até que me desgostei de firma e não trabalhei mais”<sup>33</sup>. De acordo com ele, a firma detinha a carteira do trabalhador durante três meses e depois dispensava. Tais tensões o levaram a outros caminhos. Foi quando descobriu que poderia ganhar dinheiro como vassoureiro. Como mercador ambulante, Seu Isídio fortaleceu a teia vicinal e viajou para o Maranhão vendendo vassouras:

---

<sup>32</sup> O ofício de carpintaria funcionava como um subsetor da construção civil, uma vez que envolvia a fabricação de ripas, telhados, andaimes, entre outras estruturas, para além da fabricação de móveis.

<sup>33</sup> FARIAS, Isídio Pereira. *Entrevista* [jul. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 18 jul. 2018.

Lia: só o senhor aqui no bairro que vendia vassouras?

Isídio: na casa do Edmar lá é o Chiquinho, por que os filhos dele não vendem. Mas tem outro na casa do Pedro tem outro que mora na PiçarreiraII, mas tudinho foram embora, o Zé da Vassoura, a mulher dele, uma cunhada dele, só os conhecidos daqui, do finado Sebastião...

Lia: e o senhor pegava essa matéria de vassoura aonde pra fazer?

Isídio: Eu? Comprava nas quitandas, e na mão de outros vassoueiros que traziam de Campo Maior. Também trabalhei muito no Maranhão.

Lia: Ia e Voltava?

Isídio: Ia e voltava. No Maranhão passava uns 15 dias. Eu nunca passei mais de 20 dias no Maranhão. Era de 20 pra baixo. Num chegava nem os 20 eu estava em casa<sup>34</sup>.

A fala de Seu Isídio aponta alguns pontos interessantes sobre a própria disseminação da ocupação de vassoueiro. As vassouras vendidas por ele e seus companheiros não eram para limpeza de pisos e assoalhos, mas para limpeza de telhados. Eram feitas de hastes longas de bambu e fiapos muito finos de palha de carnaúba. As boas vendas realizadas em São Luís, o que motivou as viagens de Seu Isídio, estão relacionadas aos anseios dos compradores, pois somente por meio dessas vassouras longas era possível a limpeza de telhados comuns ou de prédios altos, como igrejas. Se em Teresina nos bairros de periferia as casas ainda eram de taipa, em bairros nobres ou em outras capitais poder-se-iam encontrar clientes em potencial. São Luís também propiciou para Seu Isídio o ganho além da subsistência:

[...] a vantagem de lá é porque com o dinheiro das vassouras aqui os vassoueiros usam mesmo só pra comer. Ninguém pode ajuntar um trocado por que na hora que chega já tá com mão estirada para comprar as coisas aí num junta...e lá não... todo trocadinho que sobrava da despesa do dia a gente intocava num lugar<sup>35</sup>.

A capacidade de economizar dinheiro suficiente para render em casa exigia habilidade. Retirando o valor das despesas de ter que se manter em outra capital, ao chegar em casa ele “[...] pagava o que estava devendo. Comprava fiado pra deixar em casa pra família comer e ia embora pra lá”<sup>36</sup>. O dinheiro adquirido com a venda das vassouras vestia e calçava os filhos, sinal que o trabalho era incerto, pois condicionava inclusive *débitos*. Refletindo sobre os usos da tática, entendemos que a venda de vassouras não permitia grandes acumulações, mas fortalecia laços de dependência ao sabor dos processos de escolha, pois não

<sup>34</sup>FARIAS, Isídio Pereira. *Entrevista* [jul. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 18 jul. 2018.

<sup>35</sup>FARIAS, Isídio Pereira. *Entrevista* [jul. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 18 jul. 2018.

<sup>36</sup>FARIAS, Isídio Pereira. *Entrevista* [jul. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 18 jul. 2018.

se pode dever para qualquer um, e só se empresta dinheiro para alguém que em tese, pretende ou pode pagar. Tais práticas eram essenciais para a sobrevivência na cidade. Certeau aponta que: “Ela [a tática] opera golpe a golpe, lance a lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva” (CERTEAU, 1998, p.100).

O aproveitamento de ocasiões se revelava diante de códigos e restrições criados para serem seguidos no ambiente da cidade. Um exemplo disso é criação do frigorífico FRIPISA<sup>37</sup>, instalado em 28 de novembro de 1967 em Campo Maior e com sede comercial em Teresina. Objetivava-se com a instalação desse estabelecimento deter matadouros improvisados, que forneciam carnes “de moita” para os consumidores –suma, uma política de controle do abastecimento que sanasse o comércio ilegal desse produto, o mais caro na dieta básica dos teresinenses. Pela importância deste alimento, o jornal “*O Dia*” fez a seguinte recomendação:

Anafrodisíaco<sup>38</sup>, transforma na aparência, carnes quase deterioradas em frescas. E embora a fiscalização seja rigorosa, principalmente nas cidades grandes, ainda existe o abuso. Por isso é melhor adquirir a carne em um açougue que se conheça e se possa confiar na honestidade do comerciante<sup>39</sup>.

A notícia faz claramente recomendações para lugares confiáveis em detrimento do alto consumo de carnes de origens desconhecidas que persistia mesmo com a criação do FRIPISA. Como bem mencionado, uma fiscalização rigorosa era própria das cidades grandes, não uma capital como Teresina, ainda modesta. Mas a preferência pela carne “de moita” era tão grande que começou a causar prejuízos nos abatedouros em Campo Maior:

Enquanto sobram reses nos currais do FRIPISA, em Campo Maior, e o diretor desse órgão já procura outros centros consumidores para a venda de carne bovina, o abate de suínos também sofreu queda com o período da Quaresma e a prática de magarefes que exploram a chamada "Carne de Moita" com o conseqüente aumento da concorrência entre os profissionais clandestinos e os legalmente estabelecidos<sup>40</sup>.

A queda no consumo da carne não ocorre apenas por conta do período da Quaresma. O jornal evidencia que o Fripisa tem um concorrente poderoso, “o magarefe”. Seu Damião fazia parte desse grupo de pessoas que encontraram uma maneira astuciosa de

<sup>37</sup> Frigorífico do Piauí S.A.

<sup>38</sup> Substância afrodisíaca.

<sup>39</sup> CONHEÇA a carne que você come. *O Dia*, Teresina, n. 60, 6 mar. 1972. p. 3. Local de Guarda: Arquivo Público “Casa Anísio Brito”.

<sup>40</sup> CARNE “da moita” no Piauí prejudica abate no Fripisa. *O Dia*, n. 74, Teresina, 14 mar. 1972. p. 2. Local de Guarda: Arquivo Público “Casa Anísio Brito”.

incrementar as rendas. Por que o consumo de carnes abatidas de forma irregular era expressivo? O próprio órgão público evidencia: “[...] os diretores do FRIPISA reconheceram que estão lutando com um concorrente poderoso, que embora não disponha de capital pode vender o quilo de carne por preço inferior ao cobrado no entreposto de Teresina”<sup>41</sup>.

Durante quatro anos, Seu Damião complementou sua renda vendendo carne em casa mesmo, burlando a fiscalização do governo por meio das redes de solidariedade que não se desfizeram e garantiam o produto, mesmo com as migrações. Sobre isso, ele contou:

[vinha] do interior de Miguel Alves, meus conhecidos tudo lá. E aí souberam que eu estava cortando carne quando vieram era de 2,3 pra cá dia de domingo, vendendo bode, porco, gado. Não rapaz não quero...aí o Elesbão me deu uma chance, marcou 40 gados, condenou 40 gados de açougue, que ele tinha grande fazenda, aí apurei tudinho pra ele, aí pronto fiquei conhecido<sup>42</sup>.

A fala de Damião revela que, junto às plantações de roça, manteve também o comércio de carne na cidade consorciado não só pelo seu patrão, mas também por amigos ou parentes que lhes fornecia carne de diferentes animais. Apesar de a venda ser apenas nos fins de semana, ele se tornou conhecido. O Jornal “O Dia” revelou que, de fato, os municípios fornecedores da carne dita “de moita” correspondiam ao EntreRios: “está sendo registrado o abate de pelo menos 60 animais nos municípios de Campo Maior, Altos, União, José de Freitas, Água Branca, e Elesbão Veloso”<sup>43</sup>. A venda de carne disponibilizada mais perto de potenciais compradores, não só nas periferias, mas também nos demais centros se tornou um dado preocupante para o governo. Seu Damião nos contou que aos domingos botava “banda de boi”, e as pessoas iam até ele com frequência “[...] aquelas pessoas eram encegueiradas (sic) mesmo, comigo”<sup>44</sup>. A venda era sobre medida e, quando sobrava, tudo era posto no sal, pois não havia geladeira. No caso da carne de porco em dias de feriados santos, evidenciava-se cada vez mais o comércio clandestino, fato que geraria uma reação por parte do governo, noticiada em 17 de março de 1972, pelo jornal “O Dia”:

Diminuiu muito o consumo de carne de porco, em Teresina, com a chegada da Quaresma. Em consequência os magarefes que ainda se dedicam ao ofício de talhadores de suínos estão tendo uma série de prejuízos decorrentes do baixo consumo e da falta de condições de concorrência com os que estão

<sup>41</sup> CARNE “da moita” no Piauí prejudica abate no Fripisa. *O Dia*, n. 74, Teresina, 14 mar. 1972. p. 2. Local de Guarda: Arquivo Público “Casa Anísio Brito”.

<sup>42</sup> SILVA, Damião Feitosa da. *Entrevista* [dez. 2017]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 28 dez. 2017.

<sup>43</sup> CARNE “da moita” no Piauí prejudica abate no Fripisa. *O Dia*, Teresina, 14 mar. 1972. p. 2. Local de Guarda: Arquivo Público “Casa Anísio Brito”.

<sup>44</sup> SILVA, Damião Feitosa da. *Entrevista* [dez. 2017]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 28 dez. 2017.



ainda abastecendo clandestinamente, para preservar o mercado consumidor e anular a ação dos magarefes da “carne de moita” o Ministério da Agricultura instituiu o Governo do Estado a entregar à Divisão de Inspeção de Produtos de Origem Animal o controle rigoroso nos abatedouros de gado nos municípios para reprimir o comércio clandestino de carnes<sup>45</sup>.

Após as medidas restritivas do governo mais uma forte campanha sobre a qualidade das carnes vendidas fora de inspeção, as vendas foram reduzidas e, para Seu Damião, os dias de vender carnes aos fins de semana ficaram para trás: ele se empregou na Coremas, uma empresa terceirizada que prestou serviços para a Agepisa<sup>46</sup>. O trabalho com carteira assinada não eliminava, sobremaneira, os “bicos”, os serviços de fim de semana, ou seja, os trabalhos possíveis; mas articulava mudanças de comportamento por parte do trabalhador pobre e de origem campesina; dava um ofício fixo (ao contrário do trabalho nas fazendas que se desfiava em inúmeras atividades para além do cultivo nos roçados) em que ele sabia o que fazer e como fazer; o tempo fabril lhe permitia regularizar o seu tempo em várias dimensões da sua existência, na convivência com a família e nas sociabilidades com os seus.

O trabalho com registro possibilitava o acúmulo – junto ao trabalho dos filhos e da mulher – fundamental para a economia doméstica. E assim nasce o sonho de ter um negócio próprio. Sobre isso, Seu Damião nos contou como montou sua quitandinha: “Ali foi com dinheiro da Coremas em que eu trabalhei 4 anos e 10 meses de COREMAS, ali tirei os direitos e vendi duas roças de mandioca pra ele Elesbão, uma mandioca nova e uma farinheira”<sup>47</sup> O que se vendia eram produtos não perecíveis ou de durabilidade prolongada, lembrando um pouco a lista elaborada pelo Departamento de Estatística da Fundação CEPRO. Mas as necessidades das pessoas mais pobres iam além da ração mínima. Vendiam-se ovos, cigarros, fósforos, velas, rapadura, farinha “de puba”<sup>48</sup>, farinha branca, massa de milho, doses de cachaça, bombom e petisco para crianças. Estas últimas além de serem as melhores clientes eram as “leva-e-traz” de mercadorias e de recados.

Percebemos que a rede de relações construídas desde a sua chegada à capital foi fundamental para que ele alcançasse o patamar de autonomia, uma vez que três elementos o edificaram: os direitos provenientes da primeira empresa que trabalhou; a venda de produtos

---

<sup>45</sup> *O Dia*, Teresina, n. 77, 17 mar. 1972. p. 2. Local de Guarda: Arquivo Público “Casa Anísio Brito”.

<sup>46</sup> Águas e Esgotos do Piauí S/A.

<sup>47</sup> SILVA, Damião Feitosa da. *Entrevista* [dez. 2017]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 28 dez. 2017.

<sup>48</sup> Farinha originada de um processo da mandioca puba, ou seja, é posta de molho na água até amolecer, depois retirada, moída, peneirada e torrada em processo semelhante à farinha branca. Era consumida como acompanhamento para peixe assado, rapadura, e como alimento para lavradores nos roçados.

do trabalho na roça para o fazendeiro, gerando, portanto, capital necessário para as primeiras compras; e um último fator muito importante: a clientela já mobilizada na rua e no bairro, em virtude das experiências anteriores. Vemos aqui não apenas a trajetória “empreendedora” de Seu Damião, mas enxergamos como esses sujeitos foram construindo, dentro de suas condições de subalternidade, oportunidades de autonomia, dando traços para esta dimensão de pobreza.

### **Conclusão**

O novo destino desses trabalhadores migrantes poderia ser outro município no EntreRios, demonstrando que o projeto migratório seguia o seu curso de expectativas a serem atendidas ainda em solo piauiense – ou poderiam retornar para a cidade de onde vieram no Ceará, revelando que as dificuldades para sobreviver no Piauí foram maiores do que as expectativas geradas quando da vinda. É o caso de Dona Antônia, que tentou, junto ao marido, viver na capital, mas que acabaram por desistir e decidir voltar para o resto da família, migrando novamente para o Piauí anos mais tarde.

Para aqueles que seguiram o seu curso em outros municípios do EntreRios, vimos a obtenção de meios de vida ganhando novos matizes para aquelas famílias; em outros lugares, poderiam ser além de trabalhadores de roça, vaqueiros, como o Seu Manoel, que trabalhou durante cerca de 10 anos no interior de Altos nessa profissão; poderiam trabalhar como vendedores ambulantes, caso de S. Damião, ou se aventurar nos primeiros passos de uma profissão que marcaria uma vida inteira e as gerações subsequentes, como o Seu Cosme em sua profissão de pedreiro/ mestre de obras que mais tarde encaminhou o rumo dos filhos.

Um elemento permanece como um chamariz vivo, costurando todas essas trajetórias de vida: a família. É no intuito de manter a família coesa que o projeto de migração é cuidadosamente pensado, não realizado peremptoriamente. Assim, histórias como a de Dona Ana, que traz o pai para perto em Teresina, e a de Cosme e Damião entrecruzam-se para evidenciar que a família não apenas chama, mas legitima a expectativa da migração.

E assim chegamos a seus destinos. Satélite e Piçarreira, bairros de periferia, como tantos outros, em Teresina, forjados pelos deslocamentos de famílias pobres, forçadas a sair do EntreRios, somando-se a esses espaços vivências de migrantes que se deslocam mais uma vez em prol de uma melhoria de vida, talvez a sua última jornada migratória, a qual não descarta as experiências vividas nos outros cantos, tendo como ponto de partida o sertão cearense, sempre na busca de momentos de “fartura”, em que a concretude da expectativa é

chamada de “riqueza” pelo homem do campo. Mas novas necessidades vão surgindo com o tempo, e “o viver na cidade” mistura, em seu discurso imagético, não apenas a facilidade de empregos, mas também uma melhoria de vida para os filhos, no que diz respeito à educação e outras oportunidades.

Na cidade, o pobre do campo se torna um pobre urbano. A cidade cresce em sua infraestrutura e paralelamente na pobreza, personificada nas centenas de famílias em bairros periféricos onde vivem à custa de subempregos, em moradias insalubres, às vezes contando como transporte apenas os pés.

Para a sobrevivência nessa nova realidade é vital (re)construir as teias de solidariedade que fundamentam a economia moral dos pobres e que proporcionam viver a cada dia por meio de estratégias combinadas de pai, mãe, filhos, seja na permuta de alimentos, seja na ajuda de conhecidos ou para estabelecer pequenos negócios na cidade. O presente ainda não finda essa luta, alguns têm consciência disto. Nesse sentido, as resistências cotidianas que perpassam a vida desses sujeitos obliteram a ideia de um sujeito camponês passivo, enriquecendo de experiências a história do campesinato no Piauí.

## Referências

### Documentos

#### a) Jornais

CARNE “da moita” no Piauí prejudica abate no Fripisa. *O Dia*, Teresina, n. 74, 14 mar. 1972. Local de Guarda: Arquivo Público “Casa Anísio Brito”.

CONHEÇA a carne que você come. *O Dia*, Teresina, n. 60, 6 mar. 1972. Local de Guarda: Arquivo Público “Casa Anísio Brito”.

*O Dia*, Teresina, n. 77, 17 mar. 1972. Local de Guarda: Arquivo Público “Casa Anísio Brito”.

TERESINA acontecendo. Jornal. *O Estado*, Teresina, n. 3, 3 fev. 1972. Local de Guarda: Arquivo Público “Casa Anísio Brito”.

#### b) Entrevistas

ASSIS, Francisco Manoel de. Entrevista [mar. 2017]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 4 mar. 2017.

ASSIS, Francisco Manoel de. Entrevista [jan. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 13 jan. 2018.

**Outros Tempos**, vol. 20, n. 35, 2023, p. 336-364. ISSN: 1808-8031

FARIAS, Isídio Pereira. Entrevista [nov. 2016]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 27 nov. 2016.

FARIAS, Isídio Pereira. Entrevista [jul. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 18 jul. 2018.

LIMA, Ana Gomes de Azevedo. Entrevista. [jan. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 25 jan. 2018.

SILVA, Cosme Feitosa da. Entrevista [jan. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 18 jan. 2018.

SILVA, Damião Feitosa da. Entrevista [set. 2015]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 6 set. 2015.

SILVA, Damião Feitosa da. Entrevista [ago. 2016]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 14 ago. 2016.

SILVA, Damião Feitosa da. Entrevista [dez. 2017]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 28 dez. 2017.

SOUSA, Antônia Portela de. Entrevista. [fev. 2018]. Entrevistadora: Lia Monnielli Feitosa Costa, Teresina, 14 fev. 2018.

### **e) Outros Arquivos**

CODESE (Comissão de Desenvolvimento Econômico). *Estatísticas Básicas*: União, 1968. Em bom estado e disponível na biblioteca de apoio do Arquivo Público “Casa Anísio Brito”. PLANO DE AÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DA BACIA DO PARNAÍBA (PLANAP). Síntese executiva: território entre rios, Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba – CODEVASF. Brasília, DF: TDA Desenhos & Arte Ltda., 2006.

ZONA Leste de Teresina. *GoogleMaps*. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-5.0632965,-42.7740246,14z?hl=pt-BR&authuser=0> Acesso em: 20 ago. 2018.

### **Bibliografia**

CERTEAU, Michel de *et al.* *A invenção do cotidiano*, v. 1: artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

HAHNER, June. E. *Pobreza e política: os pobres urbanos no Brasil -1870-1970*. Brasília, DF: Ed. Universitária de Brasília, 1993.

MARTINS, Agenor de Sousa. *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 2 ed. Teresina: Fundação CEPRO, 2002.

MARTINS, José de Souza. *Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: HUCITEC, 1992.

MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (re) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

RIOS, Kênia Sousa. *Quando novos personagens continuam entrando em cena. O encontro com a voz do outro e com o outro da voz*. Palestra de encerramento do ERHH- Nordeste, s/d.

SANTANA, Raimundo N. Monteiro de (org.). *Piauí: formação- desenvolvimento- perspectivas*. Teresina: Halley, 1995.

THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. *Projeto História*, São Paulo, v. 15, p. 51-71, abr. 1997.